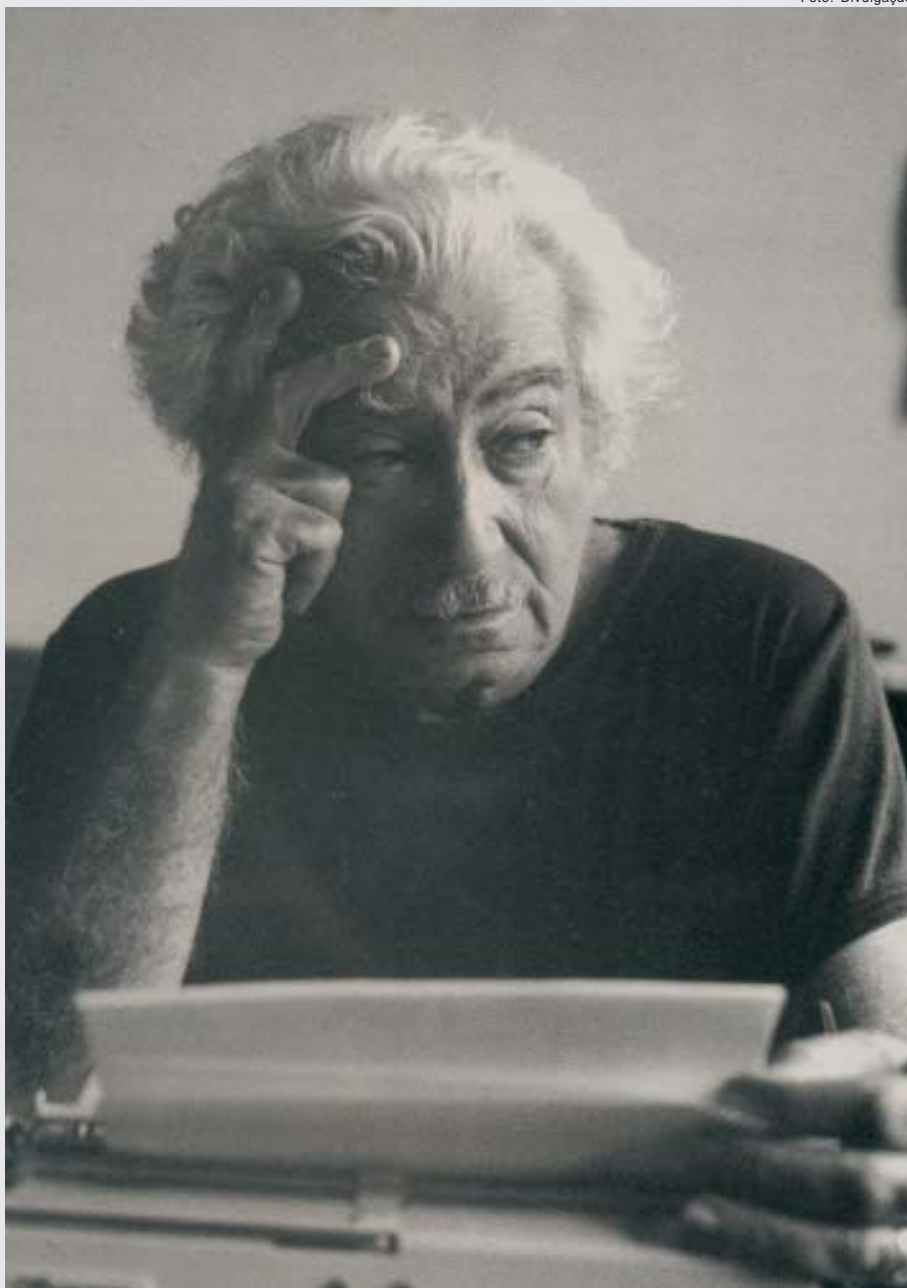


FOLHA LITERÁRIA

Informativo da Fundação Pedro Calmon e da Empresa Gráfica da Bahia n.º 10 - Ano 01 / 30 de agosto de 2007

Aos 95 anos de Jorge, o Amado

Foto: Divulgação



“Pobres dos escritores que não se derem conta disso: escrever é transmitir vida, emoção, o que conheço e sei, minha experiência e forma de ver a vida.”

O ESTADO DE SÃO PAULO, 31/03/1995

PASTORES DA NOITE

Jorge Amado

Pastoreávamos a noite como se ela fosse um rebanho de moças e conduzíamos aos portos da aurora com nossos cajados de aguardente, nossos toscos bastões de gargalhadas.

E, se não fôssemos nós, pontais ao crepúsculo, vagarosos caminhantes dos prados do luar, como iria a noite – suas estrelas acendidas, suas esgarçadas nuvens, seu manto de negrume –, como iria ela, perdida e solitária, acertar os caminhos tortuosos dessa cidade de becos e ladeiras? Em cada ladeira um ebó, em cada esquina um mistério, em cada coração noturno um grito de súplica, uma pena de amor, gosto de fome nas bocas de silêncio, e Exu solto na perigosa hora das encruzilhadas. Em nosso apascentar sem limites, íamos recolhendo a sede e a fome, as súplicas e os soluços, o estrume das dores e os brotos da esperança, os ais de amor e as desgarradas palavras doloridas, e preparávamos um ramalhete cor de sangue para com ele enfeitar o manto da noite.

Varávamos os distantes caminhos, os mais estreitos e tentadores, chegávamos às fronteiras da resistência do homem, ao fundo de seu segredo, iluminando-o com as trevas da noite, enxergávamos seu chão e suas raízes. O manto da noite cobria toda a miséria e toda a grandeza e as confundia numa só humanidade, numa única esperança.

Conduzindo a noite apenas ela nascia no cais, palpitante pássaro do medo, as asas ainda molhadas do mar, tão ameaçada em seu berço de órfã, lá íamos nós pelas sete portas da cidade, com nossas chaves pessoais e intransferíveis, e lhe dávamos de comer e de beber, sangue derramado e estuante vida, e em nosso cuidado e saber ela crescia, formosa de prata ou ornada de chuva. (...)

Em nosso apascentar, sem limites, pastoreando-a pelas ânsias e ambições, pelas penas e alegrias, pelas amarguras e gargalhadas, pelos ciúmes, sonhos e solidões da cidade, nós lhe dávamos sentido e a educávamos, fazíamos daquela pequena noite vacilante, tímida e vazia, a noite do homem. (...)

Abram a garrafa de cachaça e me dêem um trago para compor a voz. Tanta coisa mudou de então para cá e mais ainda há de mudar. Mas a noite da Bahia era a mesma, feita de prata e ouro, de brisa e calor, perfumada de pitanga e jasmineiro. Tomávamos da noite pela mão e lhe trazíamos presentes. Pente para seus cabelos pentear, colar para seus ombros enfeitar, pulseiras e balangandãs para ornamentar seus braços, e cada gargalhada, cada ai gemido, cada soluço, cada grito, cada praga, cada suspiro de amor.

Conto o que sei por ter vivido e não por ouvir dizer. Conto de acontecidos verdadeiros. Quem não quiser ouvir pode ir embora, minha fala é simples e sem pretensão.

Pastoreávamos a noite como se ela fosse um rebanho de inquietas virgens na idade do homem.

Trecho inicial do livro *Os Pastores da Noite*, de 1964.

DESTAQUES

**Recordando Jorge Amado.
Pág. 2**

**Dizia o Amado...
Pág. 3**

**Gabriel, o escritor de 8 anos.
Pág. 4**

Editorial

Ubiratan Castro de Araújo

Diretor Geral da Fundação Pedro Calmon

Agosto de Jorge Amado, mês de nascimento e morte, é o tempo de relembrar o mais lido e o mais conhecido escritor brasileiro contemporâneo. Há 95 anos nascia na fazenda Auiricídia, em Ferradas, município de Itabuna, o filho de João Amado de Faria e de D. Eulália Leal: Jorge Amado de Faria. O jovem que, em 1931, lançou o seu primeiro livro intitulado **O País do Carnaval**, deixou-nos o legado de mais de 10 milhões e exemplares publicados em todo o mundo.

Junto com os livros de Jorge Amado, viajou por todo o mundo o povo da Bahia. Negros, mestiços, operários e pescadores, intelectuais e povo de candomblé, estes eram os protagonistas de suas histórias de liberdade e de luta pela igualdade.

Dedicou a sua vida à luta pela emancipação e pela felicidade de todos os comuns do planeta, na Tchecoslováquia, na França e no Terreiro de Jubiabá. Ao lado de sua militância política, foi o grande animador de uma revolução cultural na Bahia dos anos 50. No rastro de sua obra e de sua amizade, muitos dos mais importantes intelectuais, escritores, cineastas e artistas vieram à Bahia, alguns aqui ficaram. O contato da juventude baiana com estes pensadores possibilitou a emergência e afirmação de uma geração de intelectuais ativistas da transformação cultural e social da Bahia e do Brasil.

Em sua décima edição, a Folha Literária homenageia o amado Jorge, filho da Bahia, cidadão do mundo.

A Folha Literária chega à décima edição com sucessivas homenagens à literatura nacional e seus maiores representantes. Nesta celebração, queremos ouvir você, leitor! Faça parte da construção deste informativo, enviando suas críticas, sugestões e elogios para o endereço ascom@fpc.ba.gov.br.



RECORDANDO JORGE AMADO

Myriam Fraga*

Jorge Amado, um homem que o Brasil inteiro reverencia. Uma longa trajetória pontuada de lutas, de vitórias, de derrotas – poucas felizmente – e que ele sempre soube, com sabedoria, transformar em vitórias. Sua mãe, D. Lalú, contava que ele nascera empelicado. Verdade verdadeira. Só esse fenômeno poderia explicar o extraordinário êxito, a sorte que parece tê-lo acompanhado, solícita, todo tempo.

Um homem realizado, segundo um conhecido provérbio, é o que, durante sua vida, escreveu livros, teve filhos, plantou uma árvore. Jorge Amado, um homem feliz: escreveu livros que encantam o público no mundo inteiro. Seus romances multiplicam-se em várias línguas, em edições sucessivas. Adaptados para o cinema, a televisão, o teatro atingem uma multidão de admiradores deslumbrados com as histórias inesquecíveis criadas por sua imaginação. Seus personagens parecem ter vida própria, tão incorporados ao cotidiano dos leitores. Suas figuras femininas compõem uma galeria de tipos verdadeiramente apaixonante, ampliados em suas características pela cumplicidade do público que alimenta o mito através da assimilação, da recriação, da paródia e da imitação.

Se o homem feliz teve filhos, Jorge Amado foi também plenamente realizado. Seus filhos, Paloma e João Jorge, estiveram presentes em sua vida o tempo todo prodigalizando afeto, carinho, compreensão e companheirismo. Aliás, no capítulo dos afetos consegue contabilizar haveres preciosos. Zélia, sua musa permanente, foi o centro de seu universo afetivo que compreendeu ainda os netos, os irmãos, com quem sempre manteve um relacionamento profundamente carinhoso que se estende aos demais membros da família: sobrinhos, parentes e contraparentes, além dos inumeráveis amigos, irmãos de santo e de eleição, vasta família que se expandiu para além dos limites do Rio Vermelho, fazendo de cada canto do mundo um prolongamento de sua própria casa.

Em Salvador, no Rio, em Paris, em Lisboa, as portas estiveram sempre abertas para o casal que bem cedo conheceu, por vocação e por imposição, os caminhos do mundo.

Plantar árvores sempre foi uma das ocupações prediletas de Zélia e Jorge Amado. Em sua casa do Rio Vermelho o clima até hoje é de floresta. Uma bela floresta cercado as varandas aconchegantes de uma residência tão hospitaleira, tão baiana.

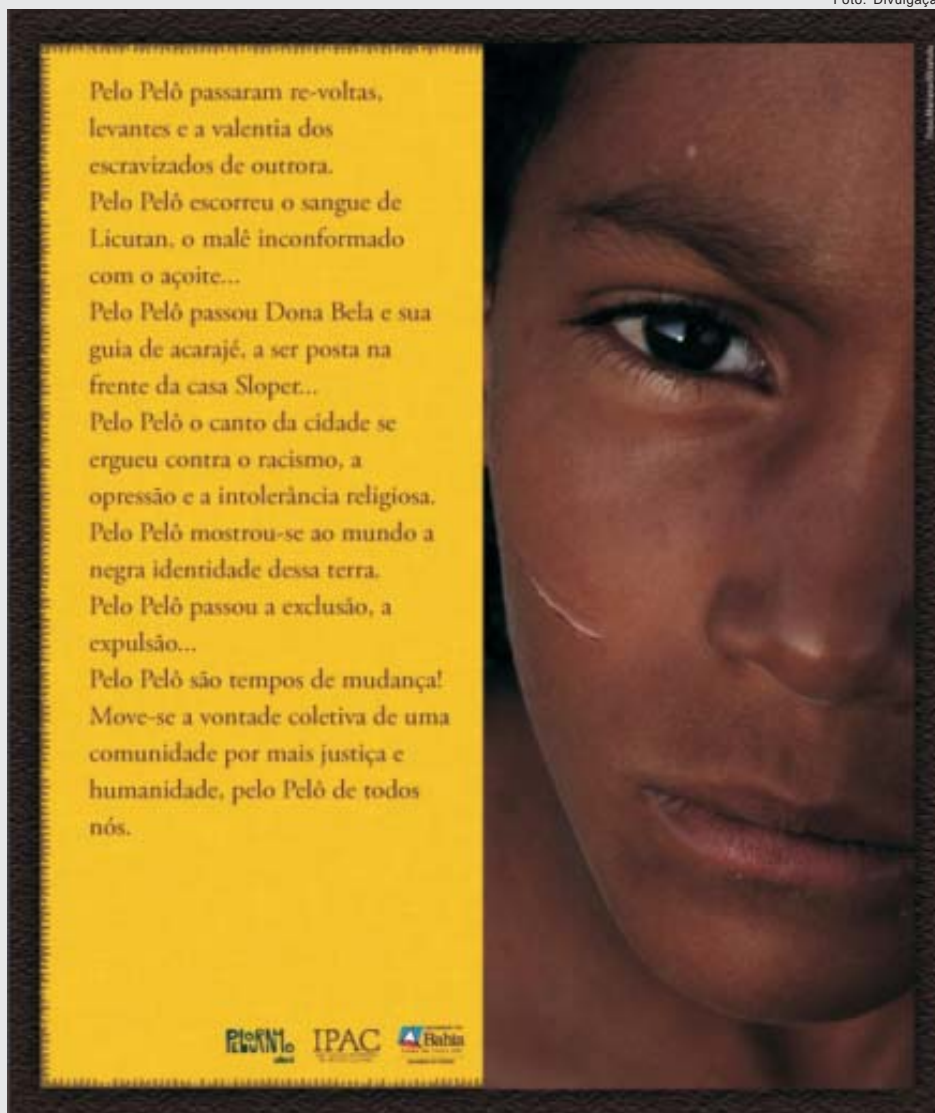
Uma casa especial, grandiosa em sua simplicidade, monumental em sua inteireza, nas marcas acumuladas pelos anos, no repositório de lembranças, na permanente presença da arte e da sensibilidade que se traduz nos detalhes, nos azulejos, nas grades, nos quadros, nas coleções de cerâmicas vindas de todas as partes do mundo.

A pequena floresta do Rio Vermelho povoada de Exus, com seus encantados, seu banco de azulejos onde o casal costumava sentar de mãos dadas à sombra das árvores que plantaram e de que cuidaram com carinho como se fossem – e são mesmo! – sagradas.

Dizem também que as pessoas felizes não têm história. Neste caso felicidade e história se confundem. Porque a felicidade, como a arte, se constrói com paciência e Jorge Amado, escritor, internacionalmente conhecido, reverenciado pelos grandes da terra, colecionador de honrarias, de prêmios, de homenagens, plantou sua felicidade no trabalho com que se dedicou, 24 horas por dia, a escrever seus livros, a amar sua família, a plantar suas árvores.

*Myriam Fraga, escritora e diretora da Fundação Casa de Jorge Amado.

Foto: Divulgação



Anúncio produzido para a Campanha Pelo Pelô, que reunirá uma série de iniciativas governamentais para a revitalização e preservação do Pelourinho, como um bairro residencial que guarda a história da cidade de Salvador, muitas delas imortalizadas nas obras de Jorge Amado.

“...assim contavam na beira do cais.”

Alegre Menina

Letra: Jorge Amado
Música: Dorival Caymmi

Por que fizeste sultão de mim, alegre menina
Palácio real lhe dei, um trono de pedraria
Sapato bordado a ouro, esmeraldas e rubis
Ametista para os dedos, vestidos de diamantes
Escravas para servi-la, um lugar no meu dossel
E a chamei de rainha, e a chamei de rainha
Por que fizeste sultão de mim, alegre menina
Só desejava campina, colher as flores do mato
Só desejava um espelho de vidro prá se mirar
Só desejava do sol calor para bem viver
Só desejava o luar de prata prá repousar
Só desejava o amor dos homens prá bem amar
Só desejava o amor dos homens prá bem amar

No baile real levei-a, tu, alegre menina
Vestida de realeza, com princesas conversou
Com doutores praticou, dançou a dança faceira
Bebeu o vinho mais caro, mordeu fruta estrangeira
Entrou nos braços do rei, rainha mas verdadeira
Entrou nos braços do rei, rainha mas verdadeira

Foto: Divulgação



Foto: Divulgação



DIZIA O AMADO...

**“Meus livros acabam e
começam no mar.”**

**“Avô, mesmo que a gente morra, é melhor
morrer de repetição na mão, brigando
com o coronel, que morrer em cima da
terra, debaixo de relho, sem reagir.
Mesmo que seja pra morrer nós deve
dividir essas terras, tomar elas para gente.
Mesmo que seja um dia só que a gente
tenha elas, paga a pena de morrer”.**

(Os Subterrâneos da Liberdade - Agonia da Noite)

**“As frases perdem seu sentido, as palavras
perdem sua significação costumeira, como
dizer das árvores e das flores, dos teus
olhos e do mar, das canoas e do cais, das
borboletas nas árvores, quando as
crianças são assassinadas friamente pelos
nazistas? Como falar da gratuita beleza
dos campos e das cidades, quando as
bestas soltas no mundo ainda destroem os
campos e as cidades?”**

(Nem a rosa, nem o cravo... “Folha da Manhã”, edição
de 22/04/1945)

**“A noite é para o amor... Vem amar nas
águas, que a lua brilha... É doce morrer
no mar...”**

(Música cantada pelo velho soldado Jeremias, de Mar
Morto e que inspirou a música composta por Jorge e
Dorival)

É doce morrer no mar (Dorival Caymmi e Jorge Amado)

É doce morrer no mar
Nas ondas verdes do mar
Saveiro partiu de noite foi
Madrugada não voltou
O marinheiro bonito sereia do mar levou
É doce morrer no mar
Nas ondas verdes do mar
Nas ondas verdes do mar meu bem
Ele se foi afogar
Fez sua cama de novo no colo de lemanjá
É doce morrer no mar
Nas ondas verdes do mar meu bem
É doce morrer no mar

Fotos (Reprodução): Acervo BPEB/FPC



Nas estantes da Biblioteca Pública do Estado da Bahia o
leitor encontra diversos títulos do autor.

Serenata

(Jorge Amado e Carlos Lacerda)

Aqui
O teu corpo nos meus braços
Nossos passos pela estrada
Nossos beijos pela noite
E a lua
Pelos campos minha amada
Pelos bosques, pelas águas
Acompanha o nosso amor
Hoje já passado tanto tempo
Pela noite escura e triste
Pelas frias alamedas
A chuva apaga a marca dos teus passos
No caminho abandonado
A saudade é o meu luar
Aqui
O teu corpo nos meus braços
Nossos passos... etc.
Um dia sentirás a mocidade
No teu corpo fatigado
Da saudade dos caminhos
E então sob a lembrança dos meus beijos
Nosso amor adolescente
Poderá recomeçar
Aqui
O teu corpo nos meus braços
Nossos passos... etc.

Foto: Divulgação



Modinha

(Jorge Amado)

Me chamo siá Tereza
Perfumada de alecrim
Ponha açúcar na boca
Se quiser falar de mim
Flor no cabelo
Flor no xibiu
Mar e rio.

Acontece

Workshop sobre Tv Pública debate Diversidade Cultural

Debater a construção de uma nova Televisão Pública na Bahia e no Brasil, sem deixar de lado as perspectivas tecnológicas que surgem para o setor em todo o mundo. Este foi o tema central do Workshop de Programação para TV Pública, realização do Irdeb, em parceria com a Secretaria do Audiovisual do MinC, Secretaria de Comunicação Social da Presidência e a FAPEX - Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão. O Diretor-geral da Fundação Pedro Calmon, Ubiratan Castro, participou da mesa que discutiu a Comunicação Pública e a Diversidade Cultural, abordando as múltiplas faces e culturas brasileiras que, hoje, não são representadas pela programação das televisões comerciais, e que devem ser incorporadas pelas televisões públicas. Ubiratan Castro destacou a descolonização do conhecimento e da cultura, algo que deve ser buscado pelos veículos de comunicação. “É preciso desconstruir o autoritarismo e a dominação do pensamento que nos impôs durante muitos anos uma cultura oficial. Não podemos mais conceber que regionalismo seja um conceito inferiorizado nas programações televisivas”, disse.

Foto: Jamile Menezes - ASCOM/FPC



Secretário Márcio Meirelles, governador Jaques Wagner e ministro da Comunicação Social, Franklin Martins debatem a TV Pública.

Estudantes de escola pública visitam Biblioteca

Cerca de 160 estudantes dos Colégios Estaduais Góes Calmon e Central visitaram a Biblioteca Pública do Estado (Barris) nos dias 13, 16 e 17/08 para manhãs de estudos e pesquisas sobre a Conjuração Baiana. A Revolta, que celebrou este mês 209 anos, foi estudada pelos jovens sob a orientação de bibliotecárias e professoras. O momento integra o Projeto Memória Popular, coordenado pelo Setor de Documentação Baiana. Na ocasião, foram exibidos vídeos educativos e entregues kits para estudo com livros sobre a história da Bahia. Os encontros são mensais e trazem as Revoltas baianas como tema. Em setembro, será a vez da Revolta dos Malês. Traga a sua escola. Entre em contato pelo: 71.3117-6063 ou pelo e-mail:

doc.baiana@fpc.ba.gov.br

Foto: Acervo DOCBAI - BPEB/FPC



Jovens aprendem a pesquisar nas bibliotecas públicas.

Garoto de 8 anos lança primeiro livro na Biblioteca

De criança pra criança. Esta foi a sensação de todos que estiveram na Biblioteca Monteiro Lobato (Nazaré) na última sexta-feira (24) para prestigiar o pequeno Gabriel dos Santos Maciel, de apenas oito anos de idade. Lançando seu primeiro livro, intitulado “História do Folclore”, o jovem autor não cabia em alegria com a presença de amigos, familiares e leitores da Biblioteca.



Gabriel deu autógrafos e recebeu elogios no lançamento.

Estudante do Colégio Célia Nogueira, no bairro de Mussurunga, em Salvador, onde também reside com a família, Gabriel escreveu sua visão sobre o Folclore brasileiro. Entre homenagens e entrevistas para a imprensa, o pequeno Gabriel já prepara um novo livro.

Folha Literária indica: obra rara no setor

A partir desta edição, a Folha Literária dedica este espaço para sugestões de leitura disponíveis nas Bibliotecas Públicas. A Subgerência de Obras Raras e Valiosas da Biblioteca Pública do Estado (Barris) dispõe de mais de 60 mil obras clássicas que retratam o Brasil nos seus primeiros anos de história, relatos de viajantes e pessoas que por aqui passaram desde o séc. XVI até o atual. Neste número, a Folha indica: “História da América Portuguesa desde o ano de mil e quinhentos até o de mil setecentos e vinte e quatro”, de Sebastião da Rocha Pitta. É considerado o “Pai da História do Brasil” e a sua “História da América Portuguesa” foi o primeiro livro de História do Brasil escrito por um brasileiro. Uma edição considerada raríssima. Estão disponíveis para consulta no Setor outros títulos raros (4.201) e valiosos (55.979). Mais informações sobre este acervo nos telefones (71) 31176092/91.

Foto (Reprodução): Acervo BPEB/FPC

